GUIMARÃES ROSA E O BOOM LATINO

O PERFIL INÉDITO NO BRASIL DO ESCRITOR FEITO POR HARSS E DOHMANN

Guimarães Rosa and the Latin Boom. The unprecedented profile in Brazil of the writer done by Harss and Dohmann

Guimaraes Rosa y el boom latinoEl perfil inédito en Brasil del escritor hecho por Harss y Dohmann

---

Gustavo de Castro

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB))

E-mail: *gustavocastroesilva@gmail.com*

Talita Fernandes

Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: *talitafj@gmail.com*

Resumo

Este artigo visa analisar, contextualizar e criticar as razões da não repercussão entre estudiosos brasileiros do perfil literário de Guimarães Rosa feito por Luis Harss e Barbara Dohmann para o livro Los nuestros (1966). O escritor é o único brasileiro entre os dez entrevistados pelos autores, todos latino-americanos. A obra tornou-se uma das principais referências no meio acadêmico do chamado "boom latino-americano" na década de 1960.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Entrevista. Luis Harss. Barbara Dohmann. Literatura latino-americana.

Abstract

This article aims to analyze, contextualize and criticize the reasons for non-repercussion among Brazilian scholars of the literary profile of Guimarães Rosa made by Luis Harss and Barbara Dohmann for the book Los nuestros (1966). The writer is the only Brazilian among the ten interviewed by the authors, all Latin American. The work became one of the main references in the academic field about the so-called "Latin American boom" in the 1960s.

Keywords: Guimarães Rosa. Interview. Luis Harss. Barbara Dohmann. Latin American Literature.

Resumen

Este artículo tiene como su reto hacer un análisis, contextualizar y criticar las razones porque no hubo repercusión entre los investigadores brasileños acerca del perfil literario de Guimaraes Rosa hecho por Luis Harss y Barbara Dohmann para el libro Los Nuestros (1966). El escritor es el único brasileño entre los diez entrevistados por los autores, todos latino-americanos. La obra se convirtió en una de las principales referencias de la academia acerca del "boom latino-americano" en la década de 1960.

Palabras clave: Guimarães Rosa. Entrevista. Luis Harss. Barbara Dohmann. Literatura latino-americana.

❖ Artigo recebido em 20 de outubro de 2019 e aceito para publicação em 19 de janeiro de 2020.

Introdução

A prática de atualização da bibliografia rosiana já se tornou uma tradição. Ela teve início na Revista Diálogo, em novembro de 1957, em que são listados cento e oitenta verbetes (Diálogo, 1957). Plínio Doyle, após a morte de Rosa em 1967, levanta cerca de mil e duzentas entradas (Doyle, 1968). Depois, em 1983, Eduardo Coutinho lançou um volume de Fortuna Crítica todo ele dedicado ao escritor mineiro (Coutinho, 1983). Em 1996, um artigo da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), comandado por Lenira Marques Covizzi e Iná Valéria Rodrigues Verlangieri, atualizou novamente toda a bibliografia (Covizzi; Verlangieri, 1996, p. 213). A seguir, a revista Cadernos de Literatura Brasileira, do Instituto Moreira Salles dedicou, em 2006, novo amplo e abrangente apanhado bibliográfico (Cadernos de Literatura Brasileira. Vol. 12). Por fim, o estudioso dos arquivos rosianos e engenheiro Frederico Antônio Camilo Camargo criou um Banco de Dados Bibliográfico para acolher todo esse material e aquele outro publicado em fluxo contínuo no universo das revistas digitais.

As produções e estudos acadêmicos sobre João Guimarães Rosa não param de crescer. Pelo site do Banco de Dados Bibliográfico JGR, hospedado na Universidade de São Paulo (USP), o número de artigos e trabalhos científicos produzidos não é menor do que cem ao ano. Mesmo com este grande volume de estudos, pesquisas e artigos produzidos no Brasil e no exterior a cada ano, uma entrevista concedida por Guimarães Rosa a Luis Harss e Barbara Dohmann continua sem merecer a atenção por parte dos estudiosos. Escrita no formato de perfil literário e publicada originalmente em Los Nuestros (1966), nenhum desses levantamentos bibliográficos citados acima colocam esta entrevista nas listas das fornecidas pelo mineiro.

Não encontramos, por exemplo, em publicações recentes que dedicaram especial atenção as entrevistas concedidas por Rosa, nenhuma menção a ela. A publicação mais recente: Jornalismo em Guimarães Rosa (2019), traz uma minuciosa lista de entrevistas, num total de 12, sem qualquer referência a esta (Vianna, 2019). Antes desse estudo e, de igual modo citado, o Cadernos da Literatura Brasileira (2006), do Instituto Moreira Salles, elencou nove entrevistas, também sem nenhuma referência a "João Guimarães Rosa, ou a terceira margem do Rio", que foi o título dado por Harss e Dohmann ao texto editado em Los Nuestros.

Este artigo visa, portanto, problematizar tal questão a partir de uma pesquisa bibliográfica inicial de cunho interpretativo e crítico. Trata-se de investigação em fase preliminar, exploratória, sobretudo em seus aspectos históricos, metodológicos e teóricos. Para este artigo utilizamos autores que pensaram e analisaram a questão latino-americana como Gonzaga (2018), Ribeiro (2010, 2017), Fantini (2008), Ayén (2019) e Candido (2018).

O *boom* latino

A primeira hipótese aqui levantada para a omissão desta entrevista-perfil na longa tradição de atualização da bibliografia rosiana é a ausência de uma tradução do livro para o português. Embora originalmente escrito em inglês, sob o título de Into the Mainstream – Conversations with Latin-American Writers, a obra foi lançada primeiramente em espanhol, em 1966, intitulada Los Nuestros. No ano seguinte, a Harper & Row colocou no mercado a versão original, em inglês, e em 1970 o livro ganhou uma tradução para o francês feita por René Hilleret, publicada na coleção "La Croix du Sud", da Gallimard, dirigida por Roger Caillois, com o título Portraits et propos.

A ausência de menções, citações e pesquisas acerca da entrevista pode ser explicada também pelo fato de Rosa não ter sido majoritariamente estudado no Brasil como um escritor do chamado boom latino. O detalhado estudo de Sergius Gonzaga O Esplendor da Ficção – O boom da literatura latino-americana e a obra de Mario Vargas Llosa (2018), trata minuciosamente os "Los Maestros anteriores", "Os anos decisivos", o "Apogeu", a "Crise das revoluções" e "As novas narrativas" no contexto dos anos 1960. O autor se deu a um exaustivo trabalho de um "levantamento histórico o mais completo possível do movimento conhecido como boom".

Preocupando-se em apresentar a "literatura latino-americana" em "contexto cultural" e "histórico-mundial", numa pesquisa de fôlego que atravessou os anos de 1961 a 1973, Gonzaga (2018, p. 288) apresenta vasta e diversificada bibliografia, depoimentos e análises que nos ajudam a

compreender: "A revolução narrativa oriunda da América Latina" e que foi responsável pela formação de um novo público leitor ávido por experimentalismos e aventuras estéticas.

Para o estudioso, um dos fatores determinantes do "fluido hipnótico" que emanou do boom foi o "ímpeto vivificador na representação da intimidade", as "ações dos personagens", mediante "processos de escrita marcados por excepcional invenção e condensação expressiva". Apesar da riqueza de dados colhidos, o estudo de Gonzaga também não dispensa atenção à entrevista de Guimarães Rosa a Harss e Dohmann, dentro do contexto do "boom da literatura latino-americana".

Muitos estudos desenvolvidos sobre o escritor mineiro no Brasil o retratam como narrador da realidade brasileira, sobretudo do sertão mineiro, o que fazem a nosso ver de forma bastante acertada. No entanto, a face latino-americana e europeia de Rosa continua a merecer pouca atenção. Para Los Nuestros, além de Rosa, o casal Harss e Dohmann conversou com Alejo Carpentier, Miguel Ángel Astúrias, Jorge Luis Borges, Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Em 1965, quando começou a fase das entrevistas, pouco desses escritores tinham repercussão internacional. García Márquez não tinha publicado Cem anos de solidão (1967) e Vargas Llosa tinha apenas um livro. Note-se que Rosa é o único brasileiro entrevistado, assim como note-se a carência de escritoras entre os autores elegidos.

Outro dado que a minuciosa pesquisa de Gonzaga (2018) mostra é o pouco estudo no Brasil acerca do boom latino-americano. No final de seu estudo ele dedica uma parte a destacar as "Obras específicas sobre o boom", ali não aparece, contudo, nenhum brasileiro. Noutra parte, no item bibliográfico "Sobre literatura latino-americana" aparece apenas os clássicos: Literatura y subdesarrollo (1972), de Antonio Candido e O Escorpião encalacrado (1973), de Davi Arrigucci. É bem verdade que foi Candido (2018) em suas correspondências com o crítico uruguaio Ángel Rama, entre 1960 e 1983, quem primeiro estimulou e definiu entre nós o terreno de pesquisa literária latino-americana, fomentando na USP e na Unicamp uma tradição de estudos.

No estudo como o de Fantini (2008), o boom latino é retratado a partir do Congresso de Gênova em 1965. A partir da ótica de Ángel Rama e com base em entrevista concedida por Rosa ao jornalista alemão Günter Lorenz, Fantini faz sua aproximação com o tema em busca de fontes que presenciaram o congresso. A autora diz que Rosa chegou a ocupar a vice-presidência da primeira "Sociedade de Escritores Latino-americanos" (Fantini, 2003, p. 54), cuja atuação é ainda pouco ou nada explorada entre os pesquisadores. Corrobora para isso o isolamento cultural do Brasil no contexto da América Latina, o aspecto continental do país e a diferença linguística.

Além dessas questões, é importante salientar o fato de que Guimarães Rosa sempre se manteve, devido a seu temperamento reservado e recluso, um tanto afastado do grupo de escritores, conforme observações de Emir Rodrigues Monegal, que esteve presente no colóquio de Gênova. O mineiro não costumava se engajar nos acalorados debates políticos entre os escritores, em especial no contexto de ascensão da Cuba comunista e dos regimes ditatoriais que se instalaram na América Latina entre 1960 e 1970, no contexto da Guerra Fria.

Anos depois da entrevista de Rosa, Harss admitiu ter pouco conhecimento da literatura brasileira. A análise da obra, do contexto editorial e histórico nos ajudará a compreender o que levou o crítico argentino a incluir o narrador brasileiro no seleto grupo dos dez escritores do boom e a omissão dessa entrevista na fortuna crítica de Guimarães Rosa.

A lista de cânones de Luis Harss

Sabemos que o surgimento do chamado boom latino-americano nas décadas de 1960 e 1970 é tema de diversas pesquisas, livros, reportagens e ensaios de crítica literária, sobretudo na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos. Passados quase 60 anos, ainda há dúvidas sobre o que foi de fato esse movimento, pois há quem conteste tal nomenclatura. Nesse

contexto, o livro Los Nuestros, publicado em 1966 por Luis Harss e Barbara Dohmann é o principal ponto de partida para a discussão do tema e é citado por diversos autores (Martinez, 2008; Ayén, 2019) como o responsável por listar cânones da literatura latino-americana.

Na época da realização do livro, Harss era casado com Barbara Dohmann e passou a entrevistar com sua ajuda os diversos escritores. O objetivo era escrever Los Nuestros, encomendado pelo editor Roger Klein, da Harper & Row, de New York. Embora tenha sido escrito em inglês sob o título de Into the Mainstream – Conversations with Latin-American Writers, a primeira edição da obra foi publicada em 1966 em espanhol pela Sudamericana, numa tradução feita pelo próprio Harss. O texto original, em inglês, saiu um ano depois. Passados três anos, em 1970, o livro foi traduzido para o francês por René Hilleret e publicado na coleção "La Croix du Sud", da Gallimard, dirigida por Roger Caillois, com o título Portraits et propos.

Depois que o editor Roger Klein sugeriu a Harss a ideia do livro este resistiu à proposta até o dia em que leu, em Paris, Rayuela (1963), de Julio Cortázar. Após a leitura, procurou Cortázar, explicou o projeto e realizou a primeira das dez entrevistas. Cortázar, por sua vez, se entusiasmou com a ideia e sugeriu nomes que Harss poderia entrevistar. De acordo com Harss, o grupo de escritores perfilados tinha em comum o ineditismo da obra e "a realidade pensada e dita de outro modo" (Harss, 2012, p. 12). A escolha dos autores foi alvo também de uma série de questionamentos como, por exemplo, a ausência de mulheres. Anos depois em entrevista a Tomas Eloy Martinez (2008), Harss disse que não tinha conhecimento das escritoras latinas de destaque naquela época, sobretudo o de Clarice Lispector.

A partir de 2014, o livro que se tornou cânone no estudo do tema foi Aquellos Años Del Boom (2019), do jornalista catalão Xavi Ayén. O livro traz o seguinte depoimento de Harss (2019, p. 353):

> *Comecei com um conceito, mais do que com uma lista de autores: ia incluir vários poetas, ainda que falasse principalmente de prosa. Mas fui os abandonando pelo caminho: Octávio Paz, na Índia, se fez inacessível para mim, por sorte, saiu da lista, depois liguei para o Neruda que por telefone me respondeu com tanta antipatia que disse a mim mesmo: "Vão para o diabo os poetas!".*

Logo após sua publicação, Los Nuestros repercutiu de tal modo que passou a ser adotado em vários cursos de Letras na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Em uma edição de 2012, referindo ao que o levou a escolher os dez escritores, Harss atesta que foi a existência de uma "máfia de autores jovens":

> *Na realidade, uma diáspora. E não todos jovens. Eram de todo o continente. Alguns, expatriados. Mas haviam se descoberto e se reconhecido entre ele. Faltava apresentá-los iluminados como para distingui-los da literatura nacional. De certo modo, inventá-los, porque toda seleção é arbitrária e eu tive sorte de poder fazê-lo (Harss, 2012, p. 11).*

Os próprios escritores, em entrevistas posteriores não souberam dizer o que foi o boom, como o caso de Vargas Llosa (citado em Rama s/d):

> *O que se chama boom e ninguém sabe exatamente o que é (eu particularmente não o sei) é um conjunto de escritores, também não se sabe exatamente quem, pois cada um tem sua própria lista, que adquiriu, de maneira mais ou menos simultânea no tempo, certa difusão, certo reconhecimento por parte do público e da crítica.*

No mesmo contexto, Llosa reconhece que os editores "aproveitaram muitíssimo dessa situação, mas ela também contribuiu para que se difundisse a literatura latino-americana, que constitui num resultado, no fim das contas, bastante positivo" (idem). O próprio Harss chegou a colocar em xeque a

existência do boom apenas três anos após a publicação da primeira edição de Los Nuestros espinafrando os interesses mercadológicos detrás da recepção da obra. Foi em 1969 que ele incluiu um "Epílogo com retratações". O trecho também consta na edição francesa de 1970, mas foi excluído nas edições mais recentes. Em um trecho deste "Epílogo com retratações", ele diz (1970, p. 423):

> *Em relação ao que se tem chamado de boom da literatura latino-americana (um fenômeno, como podemos constatar agora, que tem mais a ver com uma revolução do domínio editorial e publicitário do que com um verdadeiro florescimento criativo) segue seu curso, nem sempre brilhante, mas forçoso, com sua quota de sucessos e fracassos, como toda empresa diversificada em que se misturam o talento e a inércia. Na multiplicação dos pães não faltam nem as fraudes, nem os parasitas disfarçados de competidores, nem as promessas por serem cumpridas. As tramas de interesses de antes, que em um momento de euforia pareciam superadas, têm sido substituídas pelas camarilhas de hoje. As ações simplesmente mudaram de mãos. A fama rápida e a falta de critério vão juntas, fazendo perigar constantemente o sentido crítico de que tanto precisa uma jovem literatura para receber seu valor justo. Hoje em dia já sobram (graças, em parte, ao analfabetismo das revistas de difusão, que estão na moda) os falsos alarmes, os pseudo-acontecimentos e as reputações inchadas.*

Apesar das duras críticas, Harss aparenta ter mudado de ideia alguns anos depois quando, na reedição de Los Nuestros em 2012, assina uma nota na qual chama a obra de "uma relíquia da época, venerável apesar de mim e de seus defeitos" (Harss, 2012, p. 11). Na nota que abre a edição mais recente de sua obra, o autor se pergunta por que o livro foi tão lido e cita que entre 1966 e 1981 foram feitas nove impressões em espanhol.

No Brasil, um dos principais críticos do conceito de boom foi Darcy Ribeiro que em América Latina: pátria grande (2017, p. 87), diz que o termo denota preconceito em relação ao subcontinente:

> *Caso ainda mais feio é o do chamado boom da literatura latino-americana. Neste caso, o preconceito é evidente. Não há nenhum boom espantoso que tenha que ser explicado como um fenômeno. Simplesmente, o mundo moderno não conhece romancistas melhores que o Gabo, Borges, Cortázar, Rulfo e Guimarães Rosa. Nem poetas que poetam melhor que Neruda, César Vallejo e Drummond.*

Entre as hipóteses para o surgimento do boom estão o crescimento das vendas dos livros por escritores latino-americanos, sobretudo no mercado argentino, editados por três grandes companhias: Sudamerica, Emecê e Losada. Além disso, o entusiasmo com esse grupo de escritores se deu em meio ao surgimento do que se convencionou chamar de "novo romance latino-americano". Editores como Carlos Barral, Carmen Barcells e Paco Porrúa tiveram ampla participação na difusão das obras desse grupo, como retrata Ayén em Aquellos Años del Boom (p. 122-154). A obra do jornalista catalão mostra como a publicação do livro de Harss e Dohmann antecedeu e preparou terreno para o lançamento de Cem anos de solidão (1967), do colombiano Gabriel García Márquez.

Harss teria sido o responsável pela indicação de Márquez ao editor espanhol Francisco Porrúa Fernandez, conhecido como Paco Porrúa, chefe da Editorial Sudamericana. Quando o manuscrito de Cem anos de solidão estava com setenta páginas, Márquez enviou-as para alguns amigos, entre eles, Carlos Fuentes, que mostrou a Harss. Após a leitura, Harss devolveu ao escritor colombiano com o comentário: "Me parece demasiado anedótico". Recomendou o livro ainda em 1965 a Paco Porrúa que, dois anos depois, editaria a obra. García Márquez vinha tentando sem êxito há alguns anos fazer com que um livro seu fosse publicado por uma editora argentina, pois sabia o quanto isso poderia ser promissor.

Esta aventura editorial é narrada por Ayén em seu livro. Ali, um dos filhos de García Márquez, Gonzalo Barcha, disse ter claro que Harss foi "o profeta do boom" (Ayén, 2019, p. 352). O jornalista catalão menciona ainda

que "o livro de Harss foi um sucesso de vendas e aqueceu o ambiente para a chegada de Cem anos de solidão."

Por que Rosa e não outros brasileiros?

Foi em 1965 que Guimarães Rosa forneceu a longa entrevista para Harss e Dohmann. Como Harss não falava português, nem alemão, coube a Dohmann conduzir a entrevista com Rosa, feita em alemão com alternâncias para o inglês, francês e espanhol. A estratégia da entrevista consistia em, após a degravação e sua posterior redação, ela ser entregue de volta para que os autores pudessem ler e revisá-la. Poderiam, se quisessem, sugerir modificações, acréscimos ou exclusões.

A entrevista concedida por Rosa a Harss e Dohmann realizou-se em seu gabinete, no palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, e, no perfil que traçou, os autores de Los Nuestros destacam, primeiro, o fato de ele ter nascido na "fronteira do sertão", cidade com nome germânico, Cordisburgo. Descendia dos Wimaranens, povo que fundou um reino no norte de Portugal antes da invasão dos Visogodos. Os "Guimarães" tinham gerado uma robusta descendência que se espalhou pelos rincões do Brasil e até mesmo os primeiros romancistas regionais de Minas, Bernardo Guimarães, na metade do século XIX, e o poeta místico Alphonsus de Guimaraens, tradutor de Heine, descendiam desta progenitura. Os Guimarães da qual ele descendia prosperaram com a compra e venda de enormes extensões de terras transformadas em fazendas de gado, no interior do Brasil.

O sedentarismo, revelado no apego à terra por parte dos Guimarães, somado ao nomadismo, exposto na troca constante de lugar para viver, formou uma característica ambivalente em seus antepassados e marcaria definitivamente sua personalidade. "Guimarães Rosa encarna essa dualidade", escreveu Harss e Dohmann (2012, p. 153). Por isso, o mineiro carregava o sertão "onde quer que fosse" (idem). Os autores dedicaram algumas páginas a entender sua "infância sem freios", livre em criações e fantasias, mergulhado na geografia do sertão. Rosa possuía o pensamento afeito aos espaços infinitos da paisagem. A certa altura da entrevista o poeta diz: "Eu sou um bicho raro" (idem).

Referia-se ao fato de que poderia ficar horas sem se mover, com os olhos concentrados ou perdidos dentro de algum elã poético. Era alguém que buscava as "águas calmas"; aprender a "transformar sua mente e coração na força do sertão" (idem). Rosa disse que se inscrevia na tradição dos literatos que escreveram sobre o lugar como Afonso Arinos e Euclides da Cunha, embora fosse diferente de ambos.

Para Harss e Dohmann, o que distinguia Rosa dos outros escritores do continente era o fato dele ser "um romancista filósofo", alguém que se propunha a ordenar as "forças vitais e os poderes da introspecção". O sertão do Brasil estava para ele assim como as estepes da Rússia para Anton Tchékhov (2012, p. 156). O perfil destaca que o mineiro: "É um místico, em parte católico, em parte taoísta e budista, com um senso religioso da vida, um respeitoso fervor por todos os seres vivos e uma sede inextinguível de conhecimento e de luzes fundamentais." (Idem)

Em seu depoimento Rosa diz que, como artista, buscava estar em contato e próximo a uma realidade antes de tudo "intuitiva", austera, àquela captada com perspicácia interior, amparada por um empreendimento intelectual. Harss e Dohmann dizem sobre ele (2012, 156):

> *Tem algo de ornitólogo, entomólogo, antropólogo, arqueólogo e sábio, e ele pode recitar uma ladainha mágica ou declinar terminologias latinas e decifrar fórmulas químicas. Ele é um guia, topógrafo e colecionador de grande escola, para quem o 'talismânico' é uma forma de contemplação.*

No perfil de Rosa os autores não deixam de assinalar características físicas do mineiro, como seus olhos claros e míopes, seus modos não-machadianos, no sentido que não cultivar o pessimismo de Laurence Sterne, mas o bom humor, o otimismo e a visão metafísica da vida. Ao longo do texto, Harss e Dohmann acatam a ideia de "bicho raro", denominação proposta por

Rosa para autodefinir-se, e passam a utilizar o termo à medida em que avançam na descrição. Além de "bicho raro", Rosa parecia a ambos um tipo elegante, erudito, "escritor instintivo", vaidoso, acostumado aos modos da alta burocracia governamental. Prestaram atenção a seus óculos com aros de tartaruga escuros, o riso irônico permanente, a capacidade de escutar os outros e de registar os elementos pitorescos à sua volta.

A sala onde o mineiro trabalhava era agradavelmente iluminada com grandes janelões por onde irradiavam os raios do sol, próximas a um sofá de couro. Ali o embaixador se colocava à vontade com seus manuscritos e livros de geografia, lendo ou conversando com admirável serenidade. Atentaram-se também para a "suntuosa mesa" de trabalho no ministério, enorme, repleta de livros. Ao falar, Rosa parecia "linguista, filólogo, etimologista". Perguntaram pelos idiomas que ele dominava e explicaram:

> *Além do português e naturalmente as línguas de base (alemão, francês, inglês), lê o italiano, o sueco, o servo-croata e o russo, e estuda ou pratica estudo) nas gramáticas e sintaxes da maior parte das línguas principais do mundo, e compreende as línguas bárbaras como o húngaro, o malásio, o persa, o chinês, o japonês e o hindi. (Harss; Dohmann, 2012, p. 158)*

Na visão de Harss e Dohmann:

> *Guimarães Rosa resgata os hábitos da narração dos antigos, com uma prosa oral na qual aquilo que está distante ou no entorno pode ser tão importante quanto o que está no curso principal da história, onde uma máxima se alterna com o provérbio e o pensamento vagueia, fantasioso e rebelde, seguindo os ritmos do discurso, em digressões e desvios, coletando aqui e ali anedotas e reflexões que surgem sempre espontâneas, sem 'técnicas' estudadas, ao correr do pensamento. O efeito é barroco. (Harss; Dohmann, 2012, p. 163)*

Rosa produzia uma:

> *Linguagem fortemente emotiva, mescla de erudição e dialeto, cheia de guinadas inesperadas, inversões, provérbios, interjeições, perguntas retóricas, consonâncias, pleonasmos, palavreados, aliterações, arcaísmos, latinismos, indianismos, palavras inventadas, trocadilhos, enigmas, réplicas, adivinhações, saltos mortais, quase uma hipertrofia de todos os elementos da fala popular. (Harss; Dohmann, 2012, p. 163)*

Durante os preparativos de Grande sertão: veredas, disse Rosa aos entrevistadores, não deixou de fazer pesquisas, consultar dossiês e arquivos, de ler relatos dos viajantes e exploradores alemães e franceses pelo Brasil profundo das Minas Gerais. Disse também que tinha muitas histórias na cabeça, mais do que aquelas que conseguia colocar no papel. No capítulo dedicado ao mineiro, eles descrevem o período anterior à Faculdade de Medicina, em Belo Horizonte, o serviço militar, a Revolução de 1932, até sua entrada para o Itamaraty em 1934. Em seguida, através de detalhadas páginas, o casal faz longa e paciente apresentação das obras começando por Sagarana, passando pelas obras publicadas em 1956, até o conto "A Terceira margem do rio", de Primeiras Estórias (1962). Tutameia ainda não tinha sido publicada.

Os autores apontam que Rosa de alguma maneira dá continuidade ao trabalho de Euclides da Cunha em Os Sertões (1902), elevando, no entanto, o trabalho daquele a um patamar que não se poderia imaginar. No prólogo do livro, em que Harss e Dohmann traçam um panorama do desenvolvimento do romance latino-americano, o mineiro surge como "o escritor mais notável do século em língua portuguesa". A partir da leitura do texto fica claro que Harss e Dohmann não obtiveram com ele a mesma proximidade que com outros perfilados como Cortázar e García Márquez, por exemplo. Na entrevista concedida a Tomaz Eloy Martinez em 2008, Harss, agora não mais casado com Dohmann, confessou que sabia pouco da literatura brasileira. Também não revelou quem sugeriu o nome de Rosa para que ele entrasse na lista. O que tenta justificar é o fato de não ter incluído autoras mulheres de renome como a brasileira Clarice Lispector. Esse distanciamento e desconhecimento

de Harss com a literatura brasileira reforça a hipótese do isolamento do Brasil na América Latina.

Ainda é tímida a presença de Rosa nos trabalhos produzidos sobre o boom. No artigo publicado por Claudia Gilman com o título de Luis Harss y su coda (Gilman, 2016) existe apenas uma única menção a ele e no extenso Aquellos Años del boom, de Xavi Ayén, ele é mencionado apenas quatro vezes, sendo três em listas junto a demais autores. Essas poucas referências reforçam nosso argumento de que a entrevista e o perfil literário do autor de Grande Sertão: Veredas merece ser estudado detidamente, enquanto figura integrante do boom latino.

Em Guimarães Rosa: Fronteiras, Margens, Passagens (2008), Fantini analisa os desentendimentos entre Jorge Luis Borges e Miguel Ángel Astúrias surgido em Berlim, um ano antes (1964), sobre o papel do escritor face aos acontecimentos políticos. Em Berlim ocorreu o I Colóquio de Escritores Latino-Americanos e Alemães, com o tema: "A Posição do Escritor frente à transformação de nosso mundo". Ali, Borges atacou os escritores ditos comprometidos e negou existirem condições dignas para uma literatura engajada na América Latina. A fala de Borges enfureceu Astúrias que reagiu de imediato. No ano seguinte, entre os integrantes I Congresso de Escritores Latino-americanos, em Gênova, a polêmica do ano anterior ainda repercutia.

Em 1964, no Colóquio em Berlim, Rosa foi eleito vice-presidente da Sociedade de Escritores Latino-americanos, ficando a presidência a cargo de Miguel Angel Astúrias. (Fantini, 2004. p. 51-54). Em Gênova, o tema do engajamento voltou a dividir opiniões, o debate agora era sobre os rumos da política do mundo, o contexto de Cuba que havia passado pela Revolução Comunista liderada por Fidel Castro e Che Guevara e o contexto da Guerra Fria. No Brasil, a ditadura militar havia se instalado também em 1964.

Ainda no contexto do Colóquio de Gênova, Rosa concedeu uma de suas mais emblemáticas entrevistas ao crítico alemão Günter Lorenz (1973), durante a qual vislumbrava um papel de relevância para a literatura latino-americana:

> *Sou um homem que viu muitas coisas no mundo, que entende muito de literatura mundial. Não quero pecar por presunção, mas comparando quantitativa e qualitativamente o que se escreve, por exemplo, na Europa, com o que se escreve entre nós, sinto-me um tanto orgulhoso. É claro que também entre nós se imprime muita coisa medíocre que nada tem a ver com a literatura. Mas isso existe sempre e em toda parte. Entre nós, não só no Brasil e não só entre os escritores velhos e os de minha geração, há muitos que justificam as maiores esperanças, e permitem que encaremos tranqüilamente o futuro. A América Latina tornou-se, no terreno literário e artístico, digamos em alemão, Welt Fahig [um mundo capaz]. O mundo terá de contar.*

Prosseguiu fazendo previsões para o ano 2000, que não foram concretizadas:

> *Estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano.*

Conclusão

Observamos agora alguns pontos que merecem ser retomados, explorados e aprofundados em novas investigações acerca da fortuna crítica do escritor mineiro, notadamente no campo das entrevistas fornecidas. Acreditamos que um dos motivos da não repercussão desta entrevista entre os estudiosos rosianos é a falsa percepção de que ele é apenas um ensaio crítico escrito por Harss e Dohmann e não um perfil literário elaborado a partir de uma entrevista em profundidade. Por isso entendemos como importante a necessidade da tradução de Los Nuestros para o português. Talvez o desinteresse por esta obra no Brasil passe também pelo distanciamento e isolamento do Brasil em relação à América Latina, como aponta o professor e pensador Darcy Ribeiro: "Efetivamente, a unidade geográfica jamais funcionou aqui como fator de unificação porque as distintas implantações

coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver ao longo de séculos". (Ribeiro, 2010. p 23).

Isto pode explicar o fato do ineditismo deste perfil entre nós. Tal explicação se une à necessidade de novos olhares e estudos relacionando Guimarães Rosa à América Latina notadamente nos anos 1960, seja em relação à sua presença nas revistas literárias, seja em colóquios literários na Europa como em Berlim (1964), Gênova (1965) ou na América Latina, como aquele que participou na Cidade do México (1967). Tais pesquisas devem abarcar arquivos de jornais, rádios e televisões em Berlim, Gênova e Cidade do México, tendo em vista que podem contribuir com novos achados desta história, assim como propiciar conteúdos imagéticos e biográficos. Do mesmo modo, entendemos como necessária a melhor compreensão da relação do mineiro com outros escritores e editores do continente europeu e latino, assim como com os críticos literários Emir Rodriguez Monegal e Ángel Rama.

Não podemos concluir sem deixar de criticar a ausência das mulheres entre os autores escolhidos por Harss e o papel secundário que ele passou a dar a Barbara Dohmann ao longo das reedições do livro. Se ela aparece nas capas das versões americana e francesa do livro, não aparece nas recentes versões publicadas na Espanha. Ao que parece, após a separação do casal ela foi progressivamente sendo excluída da co-organização do livro. Na entrevista com Guimarães Rosa, o protagonismo de Dohmann é determinante, visto que a conversa foi feita em alemão, língua que Harss não dominava.

Dos dez escritores entrevistados por Harss e Dohmann, Guimarães Rosa foi o primeiro a morrer, em 1967. O legado deixado por ele abrange muitas áreas, em especial àquela do imaginário, do pensamento, da literatura e da cultura brasileira. No entanto, pouco ainda sabemos de sua recepção na América Latina e da sua importância no contexto da revolução narrativa ocorrida no continente.

Referências

ARRIGUCCI JR., D. (1973). O escorpião encalacrado. São Paulo: Perspectiva.

AYÉN, X. (2019). Aquellos años del boom. Barcelona. Penguin Random House.

BANCO DE DADOS BIBLIOGRÁFICO JOÃO GUIMARÃES ROSA. Disponível em: <www.usp.br/bibliografia/grosa

CANDIDO, A. (1972). Literatura y subdesarrollo. IN: FERNANDEZ MORENO, C. America Latina en su literatura. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores / UNESCO.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. (2006). Rio de Janeiro, IMS, v. 12, n. 20-21.

CANDIDO, A.; RAMA, A. (2018). Conversa cortada. A correspondência entreAntonio Candido e Ángel Rama, entre 1960 e 1983. São Paulo: Edusp.

COUTINHO, EDUARDO F. (ORG.). (1983). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

COVIZZI, Lenira Marques; VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. (1996). Pequena bibliografia de João Guimarães Rosa. Revista do IEB, São Paulo, n. 41, p. 213-232.

DIÁLOGO. (1957). São Paulo, n. 8, nov.

DOYLE, P. (1968). Contribuição à bibliografia de & sobre João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

FANTINI, M. (2008). Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens. Cotia. Ateliê Editorial.

GILMAN, C. (2016). Luis Harss y su coda a Los nuestros (1969). Cuadernos Lirico [En línea], 15. Publicado el 02 octubre 2016, consultado el 05 diciembre 2019. URL : http://journals.openedition.org/lirico/2747 ; DOI : 10.4000/lirico.2747

GONZAGA, S. (2018). O Esplendor da Ficção – O boom da literatura latino-americana e a obra de Mario Vargas Llosa. (Tese de doutoramento

não publicada). Porto Alegre. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HARSS, L. DOHMANN, B. (2012). Los Nuestros. Madri. Alfaguara.

_____. (1970). Portraits et propos. Paris. Collection La Croix du Sud, Gallimard.

MARTINEZ, Tomaz Eloy. (2008). ¿Qué se hizo Luis Harss?. Disponível em: https://www.elespectador.com/opinion/que-se-hizo-luis-harss-columna-5206

RAMA, A. (S/D). El Boom em Perspectiva. La crítica de la cultura en America Latina. Biblioteca Ayacucho. p. 266 - 306.

RIBEIRO, D. (2017) América Latina: A Pátria grande. São Paulo. Global Editora.

_____. (2010). América Latina existe? Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro. Brasília: Editora UnB.

ROSA, J. G. (1973). Entrevista a Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, janeiro de 1965. In Diálogo com a América Latina. São Paulo: E.P.U.

VIANNA, Andrea Ramos Jubé. (2019). O Jornalismo em Guimarães Rosa. Aproximações. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Brasília (UnB), Brasil.